

Befreiung statt „Freiheit“

Für Völkerverständigung und kulturelle Entfaltung

„Aufgrund meiner Überzeugung, dass die Zeit kommen wird, in der das Staunen über den Fall der Berliner Mauer auch wieder vorbei sein wird, hoffe ich, dass die Welt sich erholen und wieder gegen die Diktatur des Marktes wenden wird. [...] Die Freiheit des Handels darf nicht über der Freiheit der Menschen stehen.“

Paulo Freire, Pädagogik der Autonomie (1996)



Wandbild in Havana, Kuba

Frieden, globale Gerechtigkeit und die Entwicklung souveräner, mündiger Bevölkerungen in der ganzen Welt gegen das Wiederaufflammen einer konfrontativen deutschen Außenpolitik und ausbeuterische Freihandelsabkommen durchzusetzen, ist unsere Aufgabe. Wie schaffen wir Kultur- und Bildungseinrichtungen, die auf Emanzipation statt auf Anpassung gerichtet sind und die länderübergreifend egalitär zu diesem Ziel zusammenarbeiten? Was können wir – auch in Deutschland, dem „Herzen der Bestie“ – im gemeinsamen Kampf um gerechte Arbeitsbedingungen und ausgewogene Handelsbeziehungen von den sozialen Bewegungen Brasiliens lernen?

Vor dem Ersten Weltkrieg waren etwa 90 % des Globus von den industriellen Zentren in Europa beherrscht. Zunehmend angewiesen auf Ressourcen wurden Russland, Amerika, Afrika, Ozeanien, einem Großteil Asiens (mit teilweisen Ausnahmen in Japan und China), aber auch

anderen Ländern Europas ungleicher Handel aufgezwungen. Seitdem begann diese „westliche“ Vormacht zu schrumpfen: zunächst mit der Russischen Revolution von 1917 und der Entstehung des Sowjetblocks, dann ab Mitte des 20. Jahrhunderts mit den Entkolonialisierungsbewegungen. Die Beendigung des weltumspannenden von Deutschland begonnenen Vernichtungs- und Eroberungskriegs am 8. Mai 1945 errang gegen die tiefste Barbarei der Reaktion eine neue Stufe internationaler progressiver Kooperation. Dagegen wandte sich die Aufkündigung des systemübergreifenden antifaschistischen Bündnisses und die antisozialistische „Eindämmungspolitik“ der USA (Truman-Doktrin 1947).

Doch in den antikolonialen Kämpfen und der Friedensbewegung wuchs das weltweite Streben nach Freiheit, Gleichheit und Solidarität. Heute ist der Niedergang der imperialistischen Länder nicht mehr aufzuhalten und die auf der Vormacht der Wenigen basierende Weltordnung in einer

Krise. Dreißig Jahre NATO-Expansion in Osteuropa, zwanzig Jahre Austeritätspolitik und zwei Jahre sozialer Isolation und gesteigerter Eigenverantwortung im Zuge der Corona-Pandemie kulminieren in planloser Roheit: Die Gefahr eines Atomkriegs und die höchsten Inflationsraten seit den 1980er Jahren stehen im Widerspruch zur Illusion einer prosperierenden Zukunft innerhalb der auf Ausbeutung beruhenden Gesellschaftsform. Dieser Widerspruch drängt nach einer radikalen Wende: „Wir alle müssen eine bessere Gesellschaft aufbauen, eine Gesellschaft mit mehr Solidarität, mehr menschlicher Wärme, wo die Intensität des Lebens vor Süchten und neuen Formen der Sklaverei bewahrt.“, so Gustavo Petro vor der UN-Generalversammlung. Demokratische Gestaltung bleibt die Alternative.

Der Aufstieg des BRICS-Bündnisses (das mit Brasilien, Russland, Indien, China und Südafrika 41% der Weltbevölkerung umfasst) in den letzten 13 Jahren als neue Option für eine multipolare Weltordnung, Kubas Kampf gegen die Pandemie in verstärkter internationaler Solidarität, die neue Welle progressiver Regierungen in Lateinamerika (zuletzt in Kolumbien, dem einzigen NATO-Partnerland der Region) sowie die Aussicht auf den demokratischen Wiederaufbau durch ein progressives Bündnis in Brasilien verweisen auf eine egalitäre Alternative zur Dekadenz der hierarchischen Globalisierung.

Diese Alternative wollen wir mit **Dr. Antônio Inácio Andrioli** (ehemaliger Vizepräsident der Universität Federal da Fronteira Sul, Chapecó) und **Bruno Mahiques** (Mitglied von JUNTOS in der Studierendenvertretung der Universität São Paulo) entwickeln.

Montag, 19.12.2022, 18 Uhr, Anna-Siemsen-Hörsaal (VMP 8)



Referat für
internationale Studierende

AG Antifaschismus
an der Uni Hamburg



risuniamburg.com

Libertação ao invés de “liberdade”

Soberania dos povos e desenvolvimento cultural

“Espero, convencido de que chegará o tempo em que, passada a estupefação em face da queda do muro de Berlim, o mundo se refará e recusará a ditadura do mercado [...] A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano.”

Paulo Freire, Pedagogia da autonomia (1996)



Mural em Havana, Cuba

É nossa tarefa, afirmar a paz, a justiça global e o desenvolvimento de populações soberanas no mundo, contra o ressurgimento de uma política de relações internacionais baseado na desigualdade e contra acordos exploratórios de livre comércio. Como criar instituições culturais e educativas centradas na emancipação, ao invés do conformismo, e que trabalham em conjunto, de forma igualitária em todos os países, em direção a objetivos comuns? O que nós - mesmo na Alemanha, o „coração da besta” - aprender com os movimentos sociais do Brasil na luta comum por condições de trabalho justas e relações comerciais igualitárias?

Antes da Primeira Guerra Mundial, cerca de 90% do globo era dominado pelos centros industriais na Europa. Cada vez mais dependente dos recursos, foi

imposto um comércio desigual à Rússia, América, África, Oceânia, grande parte da Ásia (com exceções parciais no Japão e China), mas também a outros países da Europa. Desde então, esta supremacia „ocidental” começou a encolher: primeiro com a Revolução Russa de 1917 e a emergência do bloco soviético, depois a partir de meados do século XX com os movimentos de descolonização.

Contudo, por meio das lutas anticoloniais e do movimento pela paz, cresceu a luta mundial pela liberdade, igualdade e solidariedade. Hoje, o declínio dos países imperialistas já não pode ser parado e a ordem mundial baseada na supremacia de alguns está em crise. Trinta anos de expansão da NATO na Europa de Leste, vinte anos de políticas de austeridade e dois anos de isolamento social e de crescente individualismo como conse-

quência da pandemia e do isolamento, culminam em um cenário assustador: a ameaça de guerra nuclear e as taxas de inflação mais elevadas desde os anos 80 contradizem a ilusão de um futuro próspero no seio da forma social baseada na exploração. Esta contradição mostra a necessidade de uma mudança radical: “Todos precisamos construir uma sociedade melhor, uma sociedade com mais solidariedade, mais calor humano, onde a intensidade da vida nos salve dos vícios e das novas formas de escravatura”, declarou Gustavo Petro à Assembleia Geral da ONU. A democracia popular continua a ser a alternativa.

A ascensão da aliança BRICS (que com o Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, etc.; compreende 41% da população mundial) nos últimos 13 anos como uma nova opção para uma ordem mundial multipolar, a luta de Cuba contra a pandemia e a crescente solidariedade internacional, governos progressistas na América Latina (mais recentemente na Colômbia, o único país parceiro da NATO na região) e a perspectiva de reconstrução democrática através de uma aliança progressiva no Brasil apontam para uma alternativa igualitária à decadência da globalização hierárquica.

Vamos discutir estas questões com o **Dr. Antônio Inácio Andrioli** (ex-Vice-presidente da Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó) e **Bruno Mahiques** (Militante no coletivo JUNTOS e no DCE da universidade de São Paulo). Todos os interessados estão convidados!

segunda-feira, 19.12.2022, 18 horas
sala de conferências Anna-Siemsen (VMP 8)



Referat für
internationale Studierende

AG Antifaschismus
an der Uni Hamburg



risunihamburg.com